

Pesquisa Trabalho remunerado e trabalho doméstico - uma tensão permanente

(*Agência Patrícia Galvão*) Pesquisa feita pelo Data Popular em parceria com o SOS Corpo - Instituto Feminista pela Democracia comprova que a maior participação das mulheres no trabalho remunerado não foi acompanhada de mudanças na divisão sexual do trabalho doméstico, nem na oferta de políticas públicas.

Foram entrevistadas 800 mulheres de nove capitais brasileiras, além de Brasília, com idade entre 18 e 64 anos e que possuíam algum tipo de trabalho remunerado. A pesquisa foi realizada entre os dias 29 de junho de 2012 e 7 de julho de 2012.

O estudo aponta uma percepção majoritária entre as entrevistadas (91%) quanto à importância do trabalho remunerado. As mulheres consideram que o trabalho remunerado é fundamental em suas vidas, mesmo admitindo que sua rotina de trabalho é extenuante por serem elas também as principais responsáveis pelo trabalho doméstico e pelo cuidado com os filhos.

Ao falarem de seu dia a dia, as entrevistadas enfatizam a multiplicidade de tarefas, funções e responsabilidades que têm que enfrentar cotidianamente. Fica clara a longa e cansativa rotina de uma mulher que, além do trabalho remunerado, também cuida da casa, é esposa e mãe.

“As alterações ocorridas no mundo do trabalho, como demonstra a pesquisa, não levaram a mudanças significativas na divisão sexual do trabalho. O que se observa é que essa divisão do trabalho permanece, produzindo consequências que afetam diretamente as mulheres, que continuam como as principais responsáveis pelos afazeres domésticos e cuidados com os filhos. Falta de tempo e grande sobrecarga marcam seu cotidiano. Os homens e o Estado, segundo os resultados da pesquisa aqui apresentada, pouco contribuem para a mediação das jornadas”, avaliam a pesquisadora, Maria Betânia Ávila do SOS Corpo.

Em cada dez entrevistadas, sete consideram que o trabalho do homem não é mais importante que o da mulher. E 63% concordam com a afirmação de que “as mulheres sempre ganham menos do que os homens”.

Para as entrevistadas, os maridos dão mais trabalho do que ajudam. E para as mulheres casadas das classes C e D, isso é mais evidente: 64% e 61%, respectivamente.

A maioria expressiva das entrevistadas das classes D e E (78%) declaram não possuir máquina de lavar roupa; nas classes C são 47% e na classe AB, apenas 17%.

As entrevistadas apontam a existência de uma tensão entre ter um trabalho remunerado, que dá autonomia, e ter que se afastar das responsabilidades com o trabalho doméstico e o cuidado com os filhos. Sobre a concordância com a frase: “Se eu pudesse, eu pararia de trabalhar para cuidar da casa”, observa-se que, quanto menor a renda, maior a vontade de parar de trabalhar: 59% expressam esse desejo na classe D; 37% na classe C; e 32% na classe AB.

Entre as entrevistadas, sete em cada dez mulheres sentem que falta tempo no dia a dia, especialmente para cuidar de si. E três em cada quatro consideram sua rotina extremamente cansativa. Nos finais de semana 73% das mulheres realizam tarefas domésticas nas suas

próprias casas.

Creche e transporte lideram entre as principais demandas das mulheres para o poder público. A pesquisa revela que encontrar vaga em creche é a principal dificuldade para as mulheres que têm trabalho remunerado. A demanda por creche não varia de acordo com a classe social (classe AB 36%; classe C 33%; e classe DE 34%).

Para a promoção da autonomia econômica e a liberação de tempo no cotidiano das mulheres, é preciso que as políticas públicas considerem a desigualdade de gênero. As entrevistadas apontam que uma maior cobertura das creches públicas, com horário de funcionamento integral, e transporte público de melhor qualidade iriam ajudar muito no dia a dia.

Veja pesquisa na íntegra [Trabalho remunerado e trabalho doméstico - uma tensão permanente](#)

[Acesse a apresentação da pesquisa: Apresentação da pesquisa - Data Popular](#)

[Enquete: Quanto você realmente trabalha?](#)

[73% das mulheres realizam as tarefas domésticas](#)

A pesquisa **Trabalho remunerado e trabalho doméstico -uma tensão permanente**, realizada em 2012 pelo Data Popular/SOS Corpo/Instituto Patrícia Galvão, mostrou que 73% das mulheres realizam tarefas domésticas nas suas próprias casas. Entre as entrevistadas das classes C e D, 78% declararam não possuir máquina de lavar roupa. Outro dado que chama a atenção é que a demanda por creche não varia entre as diversas classes sociais (classe AB 36%; classe C 33%; e classe DE 34%).

A pesquisa contou com o apoio da ONU Mulheres.

[Conheça os dados completos.](#)

[Acesse aqui a apresentação da pesquisa elaborada pelo Data Popular.](#)

[88% das mulheres veem creche como uma das principais demandas](#)

A pesquisa **Creche como demanda das mulheres**, realizada em 2012 pelo Data Popular/SOS Corpo, revela que 88% das entrevistadas apontam a creche como uma das principais demandas

ao poder público, 45% das mulheres que trabalham não têm ajuda para cuidar dos filhos e que encontrar vaga em creche é a principal dificuldade para as mulheres que trabalham, na opinião de 34% das entrevistadas.

A pesquisa contou com o planejamento e supervisão do Instituto Patrícia Galvão, em parceria com a Secretaria Especial de Política para as Mulheres da Presidência da República, e apoio da ONU Mulheres.

[Conheça os dados completos.](#)

[População acha que cuidado infantil deve ser uma corresponsabilidade do Estado e da família](#)

(*Agência Patrícia Galvão*) Pesquisa de opinião realizada em parceria do Instituto Patrícia Galvão e da Ipsos revela também que a sociedade brasileira considera que a creche é igualmente importante para mães e crianças

42% consideram que o cuidado das crianças deve ser uma responsabilidade do Estado
47% acham que se trata de responsabilidade da mãe/família
31% apontam o número de vagas como o fator mais importante em relação às creches
26% entendem que a criança deve frequentar obrigatoriamente uma instituição de ensino antes dos 4 anos

Fonte: Pesquisa Creches - Ipsos / Instituto Patrícia Galvão, 2012.

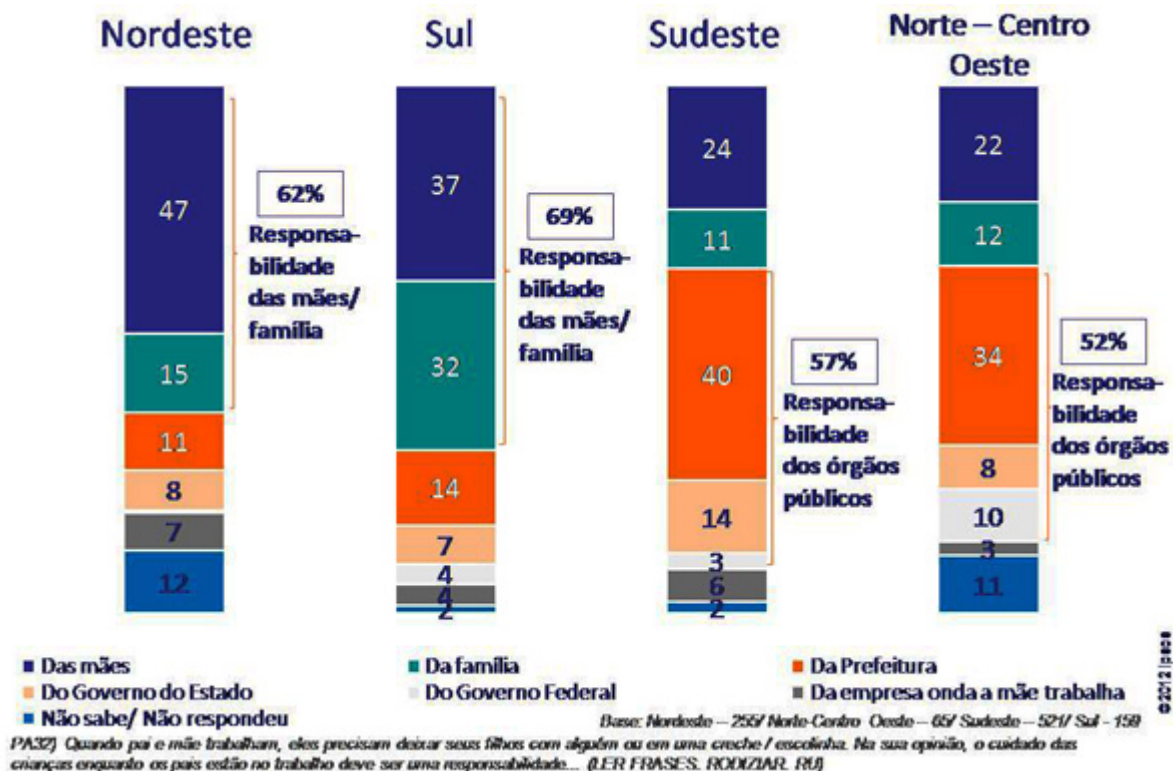
[Acesse os slides da apresentação completa em pdf](#)

Em parceria com o **Instituto Patrícia Galvão**, a **Ipsos**, referência mundial em pesquisa de mercado e interpretação de dados, realizou entre janeiro e fevereiro de 2012 uma pesquisa inédita para avaliar como a população brasileira percebe a importância das creches e a qualidade destes serviços. A pesquisa realizou mil entrevistas pessoais domiciliares com homens e mulheres, de 16 anos ou mais, de 70 municípios de todas as regiões do país.

Entre os três níveis de Governo, a maioria dos entrevistados acha que essa responsabilidade cabe à Prefeitura, conforme dispõe a Lei (Emenda Constitucional nº 14, de 12/09/1996). Não há diferença significativa na percepção de homens e mulheres.

Por regiões: o destaque é para a região Sudeste, onde a responsabilização dos órgãos públicos pelo cuidado das crianças enquanto os pais estão no trabalho chega a 57%

Os maiores contrastes são observados nas regiões Sul e Nordeste, nas quais se destacam a responsabilidade das mães/família, conforme gráfico a seguir:



A classe média ascendente - a chamada classe C - responsabiliza mais o Estado do que a família pelo cuidado da criança, sobretudo a Prefeitura. Trata-se da principal classe usuária dos serviços das creches e, portanto, a que mais depende do serviço.

A pesquisa revela uma visão equilibrada da sociedade sobre a importância das creches para a criança e para a mulher. Ao responder que “a creche é mais importante para a mãe, pois é o lugar em que ela deixa as crianças para poder trabalhar”, 48% dos entrevistados estão valorizando o trabalho da mulher, hoje fundamental considerando-se um cenário em que as mulheres representam, segundo a PNAD/IBGE, 52,7% da PEA (População Economicamente Ativa). Ao mesmo tempo, os 49% que afirmam que a creche é mais importante para a criança, pois é “sua primeira escola e tem influência na sua educação futura”, estão atribuindo um papel fundamental para esse serviço, não como assistência, mas como primeira etapa de educação e primeiro espaço de socialização da criança, depois da família.

Nº de vagas é mais importante para mulheres com crianças no domicílio

Sobre os fatores mais importantes em relação às creches, 32% das mulheres com crianças no domicílio, independentemente da classe social, apontam o número de vagas como o fator mais importante, seguido de horário de funcionamento (25%) e localização (21%).

Sobre a idade ideal para a criança começar a frequentar uma instituição de ensino, **26% acham que a criança deve frequentar uma instituição de ensino antes dos 4 anos.** Há um baixo nível de conhecimento sobre a idade para a qual o ensino é obrigatório no Brasil, visto que apenas 18% responderam corretamente. Segundo a Emenda Constitucional nº 59, de 11/11/2009, a educação básica é obrigatória e gratuita a partir dos 4 anos. Esse dado pode

estar apontando uma percepção de que a criança tem o direito e/ou se beneficia de uma educação precoce.

Quanto à avaliação dos serviços das creches, há uma mudança significativa de percepção: embora a maioria das mulheres que trabalham tenha uma avaliação positiva, entre as **sem filhos a tendência de avaliar positivamente o serviço é maior (57%) do que para as que têm filhos (47%) e trabalham.**

A avaliação das creches é mais positiva nos municípios do interior, onde 57% consideram o desempenho das creches como ótimo ou bom. Nas regiões metropolitanas, este número cai para 44%, e nas capitais, para 39%. Tanto nas capitais quanto nas regiões metropolitanas, 30% dos entrevistados consideram as creches regulares e 17% e 19%, respectivamente, as consideram ruins ou péssimas.

A região Norte/Centro-Oeste é a que teve a avaliação mais negativa em relação às creches: 33% as consideram ruins ou péssimas. Em contrapartida, as regiões Sul e Sudeste, são as que melhor avaliaram as creches: 56% e 58% como ótimas ou boas, respectivamente.

[Acesse os slides da apresentação completa em pdf](#)

Sugestão de fontes para entrevista:

Arlene Martinez Ricoldi - pesquisadora da Fundação Carlos Chagas e presidente da União de Mulheres de São Paulo
(11) 3723.3000 / 9411.2007 - aricoldi@uol.com.br

Denise Carreira - integrante da ONG Ação Educativa e coordenadora da Campanha Nacional pelo Direito à Educação
(11) 3151.2333 / 9606.4309 - denise@acaoeducativa.org

Eliana Maria Bahia Bhering - psicóloga e pesquisadora da Fundação Carlos Chagas
(11) 3723.3106 - 8639.1295 - ebhering@hotmail.com

Maria Malta Campos - pedagoga e pesquisadora da Fundação Carlos Chagas
(11) 3723.3106 - mcampos@fcc.org.br

Salomão Ximenes - advogado e integrante da ONG Ação Educativa e do movimento Creche para Todos
(11) 3151.2333 - salomao.ximenes@acaoeducativa.org

Sirlei Márcia de Oliveira - socióloga e coordenadora executiva da Escola Dieese de Ciências do Trabalho
(11) 3874.5377 - sirlei@dieese.org.br

Sobre o Instituto Patrícia Galvão

O Instituto Patrícia Galvão é uma organização não-governamental feminista que tem como missão contribuir para a qualificação da cobertura jornalística sobre questões críticas que envolvam violações dos direitos das mulheres brasileiras, a fim de influenciar o debate público para demandar respostas do Estado e mudanças na sociedade e na própria mídia.



E, por considerar que o jornalismo tem um papel fundamental na ampliação e no aprofundamento do debate sobre questões-chaves das mulheres brasileiras, o Patrícia Galvão tem construído canais de diálogo com diferentes interlocutores da área da comunicação, a fim de assegurar que a imprensa cumpra suas funções na esfera pública: fiscalizar os poderes constituídos, explicar os fatos, informar sobre os direitos dos cidadãos e promover o debate de ideias para provocar mudanças de atitudes e mentalidades. E tudo isso com uma abordagem que contemple os direitos das mulheres, em especial no âmbito das políticas públicas.

Sobre a Ipsos: www.ipsos.com.br

A Ipsos é referência mundial em pesquisa de mercado e interpretação de dados - é a 1ª marca em pesquisa "survey-based" no mundo. No Brasil é a maior e mais completa empresa de pesquisas "survey based" do mercado.



A Ipsos atende mais de cinco mil clientes no mundo através de 16 mil funcionários em mais de 80 países. No Brasil, conta com mais de 800 pesquisadores e entrevistadores diretos realizando mais de 2,5 milhões de entrevistas por ano para uma carteira de clientes que inclui praticamente todas as grandes empresas presentes no Brasil.

Ipsos se orgulha de ser a única companhia global de investigação de mercado que ainda é controlada e gerenciada por pesquisadores.

Criada há 36 anos na França e presente no Brasil desde 1997, a Ipsos consolidou-se como a marca líder porque é a única estruturada por meio de áreas de especialização: Marketing research; Advertising and Brand research; pesquisa de Media, Conteúdo e Tecnologia; Opinião Pública; Reputação Corporativa; e Customer & Employee Relationship management. Isto garante ao cliente soluções especializadas para seus dilemas em cada área.

21/08/2011 - Pesquisa mostra que as mulheres estão investindo mais

(O Estado de S. Paulo) Uma pesquisa feita com exclusividade para o caderno Feminino, do Estadão, pela Sophia Mind, empresa do grupo de comunicação Bolsa de Mulher, indica que as mulheres têm investido mais; porém, ainda mostram dificuldades para buscar informações sobre finanças.

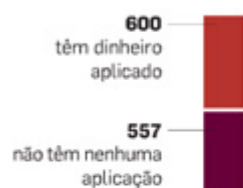
Por isso, serviços, publicações, sites e cursos estão se voltando para esse nicho crescente de mulheres empenhadas em tomar as rédeas de seu rendimento para multiplicar ganhos. Conforme observa Gloria Pereira, autora do best-seller *A Energia do Dinheiro*, embora a cultura brasileira associe dinheiro à função masculina, o avanço é evidente. “Há quatro anos, cerca de 2% dos investidores na Bolsa de Valores eram mulheres. Hoje, elas estão por volta de 23%”, afirma Gloria, diretora da Sinergia Consultores.

HÁBITOS FEMININOS DE INVESTIMENTO

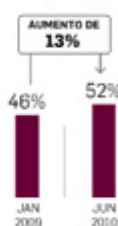
● 1.157 mulheres responderam ao questionário online

Com renda própria, entre 18 e 60 anos

Perfil financeiro



Investem ou poupam



76%

têm a poupança como principal modalidade de investimento

67%

declararam que pouparão mais do que o fazem atualmente

75%

delas sentem dificuldade em entender as diversas opções de investimento, principalmente os informativos dos bancos

72%

investem no mesmo banco que possuem conta corrente enquanto apenas **2%** aplicam em corretoras de valores ou clubes de investimento

10%

deixam o cuidado do seu dinheiro completamente na mão de terceiros (parceiro, gerente de banco ou amigo)

40%

compartilham as decisões com outras pessoas, mas dão a última palavra em seus investimentos

De acordo com a pesquisa, 75% das entrevistadas sentem dificuldade em entender as diversas opções de investimento por dois motivos: acham os informativos dos bancos complicados e reclamam da falta de tempo para buscar orientação. Das 1.157 entrevistadas, 76% têm a poupança como a principal modalidade de investimento.

Má administração. Falta de dinamismo financeiro, de planejamento e disciplina resultam em rendimentos medíocres. E impedem o efeito multiplicador dos juros compostos, que são os juros ganhos sobre juros. O resultado dessa displicência feminina financeira, segundo o economista Francisco Carlos Barbosa dos Santos, professor de finanças da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe), é perder boas oportunidades de investimentos.

“Com uma administração certa, dá para fazer sobrar dinheiro no fim do mês, ganhar com aplicações mais rentáveis, realizar projetos pessoais e garantir um futuro melhor para ela e os filhos”, garante Santos. Ele ministra um curso de finanças pessoais na Fipe. A primeira turma reuniu 20 alunos – a maior parte formada por mulheres na faixa dos 25 aos 45 anos, profissionais liberais bem-sucedidas.

Quando se começa a entender como o vaivém dos juros afeta os rendimentos, cresce também o interesse pelos acontecimentos macroeconômicos. Afinal, a crise global que hoje solapa economias prósperas, como a norte-americana e a europeia, pode sim ter impacto no bolso dos brasileiros, principalmente de quem está desinformado. E endividado. Pagar juros em vez de ganhar com eles em tempos incertos como estes é quase como dar um tiro no próprio pé.

Leia na íntegra: [Elas e o dinheiro \(O Estado de S. Paulo - 21/08/2011\)](#)

21/08/2011 - Pesquisa mostra que as mulheres estão investindo mais

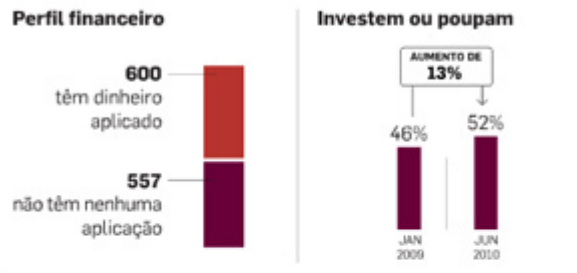
(O Estado de S. Paulo) Uma pesquisa feita com exclusividade para o caderno Feminino, do Estadão, pela Sophia Mind, empresa do grupo de comunicação Bolsa de Mulher, indica que as mulheres têm investido mais; porém, ainda mostram dificuldades para buscar informações sobre finanças.

Por isso, serviços, publicações, sites e cursos estão se voltando para esse nicho crescente de mulheres empenhadas em tomar as rédeas de seu rendimento para multiplicar ganhos. Conforme observa Gloria Pereira, autora do best-seller *A Energia do Dinheiro*, embora a cultura brasileira associe dinheiro à função masculina, o avanço é evidente. “Há quatro anos, cerca de 2% dos investidores na Bolsa de Valores eram mulheres. Hoje, elas estão por volta de 23%”, afirma Gloria, diretora da Sinergia Consultores.

HÁBITOS FEMININOS DE INVESTIMENTO

● 1.157 mulheres responderam ao questionário online

Com renda própria, entre 18 e 60 anos



76%

têm a poupança como principal modalidade de investimento

67%

declararam que pouparão mais do que o fazem atualmente

75%

delas sentem dificuldade em entender as diversas opções de investimento, principalmente os informativos dos bancos

72%

investem no mesmo banco que possuem conta corrente enquanto apenas **2%** aplicam em corretoras de valores ou clubes de investimento

10%

deixam o cuidado do seu dinheiro completamente na mão de terceiros (parceiro, gerente de banco ou amigo)

40%

compartilham as decisões com outras pessoas, mas dão a última palavra em seus investimentos

De acordo com a pesquisa, 75% das entrevistadas sentem dificuldade em entender as diversas opções de investimento por dois motivos: acham os informativos dos bancos complicados e reclamam da falta de tempo para buscar orientação. Das 1.157 entrevistadas, 76% têm a poupança como a principal modalidade de investimento.

Má administração. Falta de dinamismo financeiro, de planejamento e disciplina resultam em rendimentos medíocres. E impedem o efeito multiplicador dos juros compostos, que são os juros ganhos sobre juros. O resultado dessa displicência feminina financeira, segundo o economista Francisco Carlos Barbosa dos Santos, professor de finanças da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe), é perder boas oportunidades de investimentos.

“Com uma administração certa, dá para fazer sobrar dinheiro no fim do mês, ganhar com aplicações mais rentáveis, realizar projetos pessoais e garantir um futuro melhor para ela e os filhos”, garante Santos. Ele ministra um curso de finanças pessoais na Fipe. A primeira turma reuniu 20 alunos - a maior parte formada por mulheres na faixa dos 25 aos 45 anos, profissionais liberais bem-sucedidas.

Quando se começa a entender como o vaivém dos juros afeta os rendimentos, cresce também o interesse pelos acontecimentos macroeconômicos. Afinal, a crise global que hoje solapa economias prósperas, como a norte-americana e a europeia, pode sim ter impacto no bolso dos brasileiros, principalmente de quem está desinformado. E endividado. Pagar juros em vez de ganhar com eles em tempos incertos como estes é quase como dar um tiro no próprio pé.

Leia na íntegra: [Elas e o dinheiro \(O Estado de S. Paulo - 21/08/2011\)](#)

[Anuário das Mulheres Brasileiras -](#)

[SPM/Dieese 2011](#)

Uma publicação produzida em parceria pela Secretaria de Políticas para as Mulheres (SPM) e o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese), o *Anuário das Mulheres Brasileiras 2011* reúne as principais estatísticas e informações disponíveis sobre a mulher no mercado de trabalho, na saúde e nos espaços de poder, entre outros.

O objetivo do trabalho é subsidiar a aplicação e a orientação de políticas públicas, auxiliar as dirigentes sindicais brasileiros em ações pela equidade de gênero, além de ser fonte para instituições, organizações sociais e governos estaduais e municipais nas questões relacionadas à mulher.

Acesse na íntegra em pdf: [Anuário das Mulheres Brasileiras - SPM/Dieese 2011](#)

[22/04/2011 - Faltam 12 mil creches no país, diz pesquisa \(Globo\)](#)

(*O Globo*) No Brasil, 10 milhões de crianças de 0 a 3 anos não têm acesso a creches. Segundo estudo da Fundação Abrinq, será preciso construir 12 mil unidades para que todos os menores sejam atendidos, ou seja, o dobro do que o governo federal prometeu criar - 6 mil creches em quatro anos, até o fim do mandato da presidente Dilma Rousseff.

Em São Paulo, Promotoria aciona Kassab na Justiça

Em março, segundo a reportagem, a Promotoria de Justiça de Defesa dos Interesses Difusos e Coletivos da Infância e Juventude de São Paulo entrou com uma ação civil pública contra o prefeito Gilberto Kassab devido à falta de 100.401 vagas na capital paulista.

A promotoria pediu que o prefeito seja responsabilizado pelo déficit de creches com base na Lei de Improbidade. Kassab, de acordo com o MP, teria descumprido “os princípios da legalidade, da eficiência e da transparência fiscal”, ao deixar de fazer os investimentos previstos para que a rede municipal de ensino atenda à população infantil que necessita deste serviço. De acordo com o GLOBO, a Prefeitura de São Paulo não quis falar sobre a ação.

Leia matéria na íntegra: [Faltam 12 mil creches no país, diz pesquisa \(O Globo - 22/04/2011\)](#)

28/02/2011 - Dados do Rio Como Vamos mostram que mulheres ainda não conquistaram plenamente o mercado de trabalho (Globo)

(O Globo) “Dados do Sistema de Indicadores do Rio Como Vamos (RCV) mostram que, no emprego formal da capital em 2009, o salário médio das trabalhadoras era 13,2% inferior ao dos homens (R\$ 1.871 contra R\$ 2.156).”

Cargos de direção

“A cidade encerrou 2009 com 2,2 milhões de pessoas no emprego formal. Destas, 59,4% eram homens e 40,6%, mulheres, segundo dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS/MTE). Nos cargos de direção, elas representavam 38%. Em 2010, 888,5 mil trabalhadores tiveram suas carteiras assinadas, de acordo com o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged/MTE). Mais uma vez, o sexo feminino foi minoria: 37%. Apenas no primeiro emprego os números esboçam certa igualdade: praticamente a metade dos novos trabalhadores a ingressarem no mercado de trabalho é de mulheres.”

Tarefas domésticas

“Os expedientes de trabalho, no entanto, são semelhantes aos dos homens. Elas eram, ainda em 2009, maioria entre os empregados de meio período (até 20 horas semanais), mas também estavam em maior percentual (52%) entre aqueles com carga horária entre 31 e 40 horas trabalhadas por semana. Mas em casa, onde a jornada dupla da mulher persiste, a disparidade é gigantesca. Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad/IBGE) de 2009 para a Região Metropolitana do Rio mostram que, **quando chefes de família, as mulheres gastam em média 21,2 horas semanais nos trabalhos da casa. Como companheira do chefe da família, as horas sobem para 23,31. Já os homens passam apenas 5,63 horas semanais em serviços da casa.**”

Falta de creches

“Na rede municipal do Rio, 33.961 crianças são atendidas em creches públicas ou conveniadas. No início de 2009, esse número era ainda menor, cerca de 28 mil. O total de atendidos hoje não chega sequer à metade dos 68.203 matriculados na etapa seguinte da educação infantil, a pré-escola. A meta do Plano Estratégico da prefeitura é chegar a 2012 com cerca de 60 mil vagas em creches.”

Gravidez precoce

“De acordo com o Sistema de Indicadores do Rio Como Vamos, 16,7% das mães que deram à luz em 2009 no Rio tinham menos de 20 anos, número que desde 2006 não melhora. Na favela, que tem índice de gravidez precoce tão acima da média do Rio, a evasão no ensino médio chega a 29%, entre rapazes e moças. Sem estudo, o ingresso no mercado de trabalho fica mais difícil.”

Veja em PDF : [Dados do Rio Como Vamos mostram que mulheres ainda não conquistaram plenamente o mercado de trabalho \(O Globo 28/02/2011\)](#)

14/11/2010 - Pesquisas captam mudanças na vida das mulheres brasileiras

(IBGE) Veja alguns destaques da pesquisa Estatísticas do Registro Civil 2009, do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), e da pesquisa que o Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) elaborou a partir do cruzamento de dados da Pnad (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio) 2009, também do IBGE:



13/11/2010 - Cresce o número de mulheres mais velhas casadas com homens mais novos

Segundo o IBGE, esse dado reflete a maior participação das mulheres no mercado de trabalho e o aumento do nível de escolaridade. Com isso são adiados os planos de maternidade e casamento



13/11/2010 - Uma em cada quatro grávidas precisa sair da cidade para ter filho

Levantamento do IBGE realizado em municípios com mais de 500 mil habitantes mostra que, de cada quatro brasileiras grávidas, uma precisa sair de sua cidade para fazer o parto. Segundo o IBGE, é natural que isso aconteça em municípios pequenos, mas a pesquisa verificou que isso também ocorre em algumas cidades mais populosas, o que revela a incapacidade de atendimento da rede de saúde



12/11/2010 - Mais mulheres têm filhos dos 30 aos 34 anos, diz IBGE

Embora a maioria das brasileiras ainda tenha seus filhos no período dos 20 aos 24 anos, pesquisa do IBGE aponta que aumentou o número de mães que têm filhos entre os 30 e 34 anos. Em 1999, 14,4% das mulheres tiveram filhos nesta faixa etária; em 2009, essa porcentagem chegou a 16,8%



[11/11/2010 - Mulher chefe de família é a que trabalha mais, em casa e no emprego, diz Ipea](#)

As mulheres estudam mais, trabalham mais -dividindo-se entre o emprego e os cuidados com a casa- e ganham menos. Este é o retrato das mulheres chefes de família divulgado pelo Ipea, que mostra que, de 2001 a 2009, a proporção de famílias chefiadas por mulheres no Brasil cresceu de 27% para 35%